

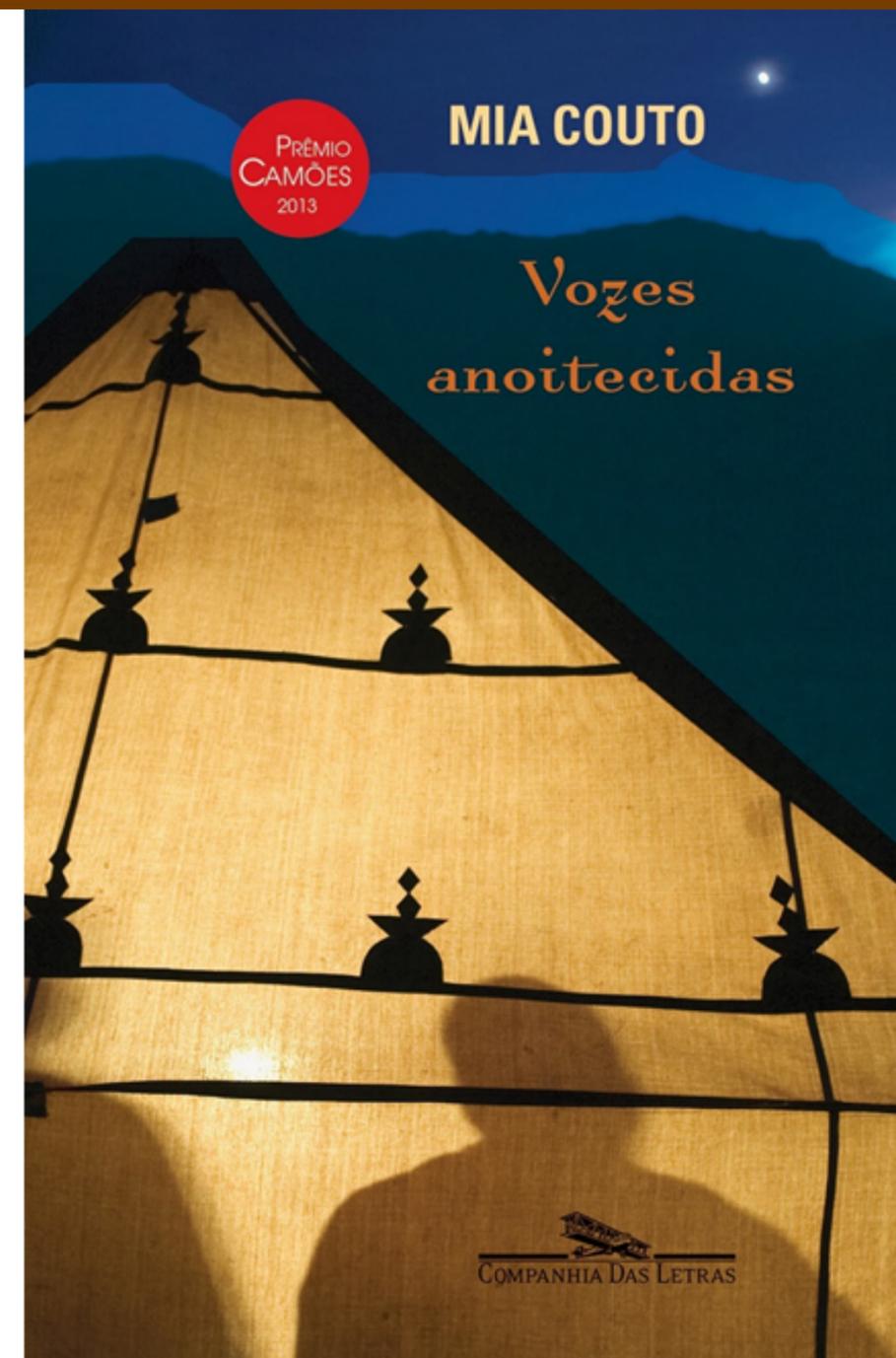
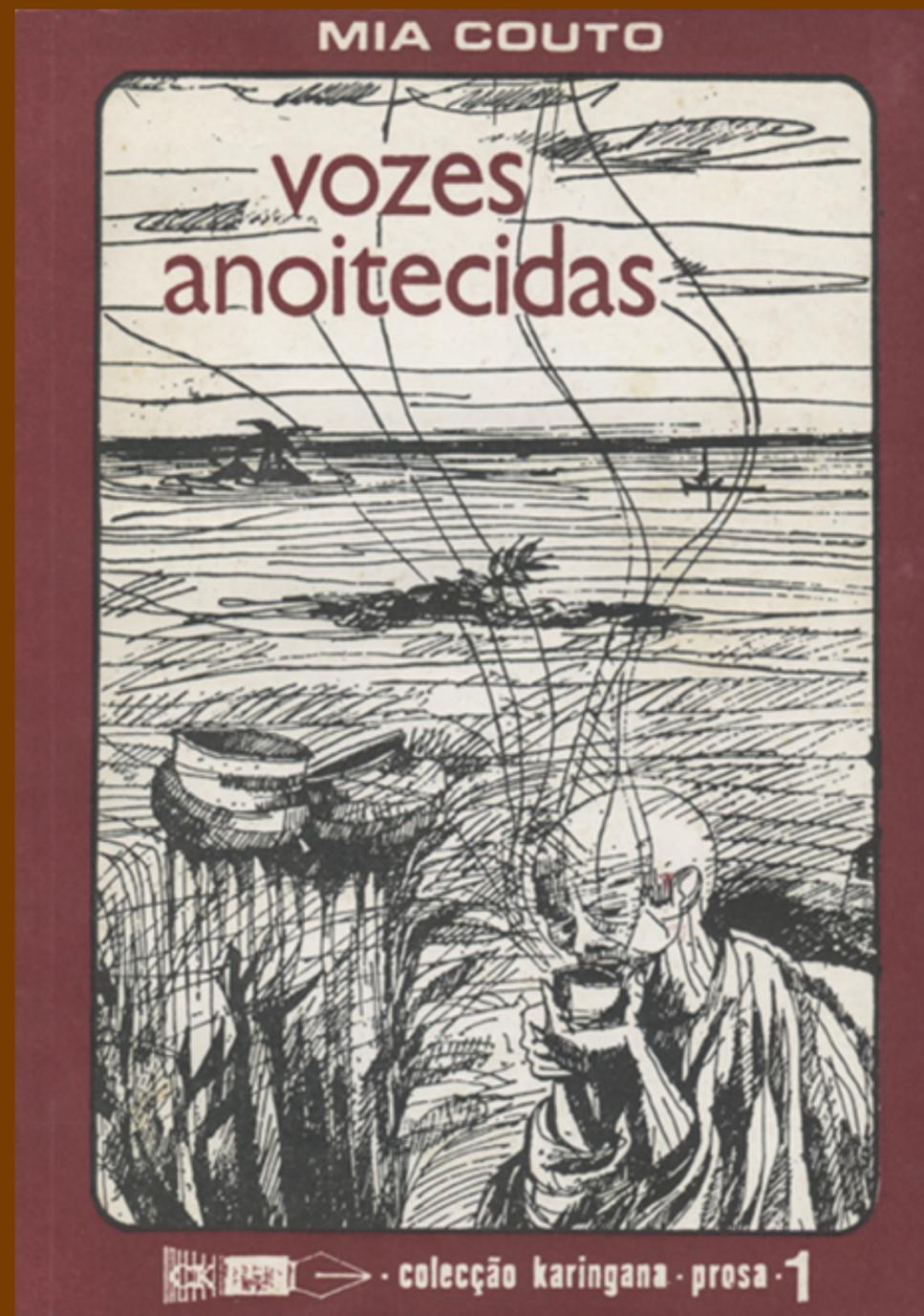
*Liga de Leitura  
Confraria da Su*

# VOZES ANOITECIDAS

*Mia Couto*

Professora Ana Carolina Kulsar Silva  
Professor João Mercides Castilho

**Curso de Redação Suzana Luz**



**Primeira edição de *Vozes Anoitecidas* publicada em Moçambique (1986) e primeira versão publicada no Brasil (2013)**

# Mia Couto

- Nasceu em Moçambique.
- Foi jornalista e professor.
- É biólogo e escritor.
- Prêmio Camões de 2013.
- Neustadt Prize de 2014.
- Membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.



Como biólogo tem realizado trabalhos de pesquisa em diversas áreas, com incidência na gestão de zonas costeiras e na recolha de mitos, lendas e crenças que intervêm na gestão tradicional dos recursos naturais.



Multiculturalismo  
Linguagem Poética  
Tradicionalismo

Presença marcante da natureza

Mitologia africana

Personagens com características universais

Personagens que buscam por identidade

Marca da oralidade africana e moçambicana

"Não barulha, mulher"

"pensageiro"

"Os mortos ficam friorentos porque são ventados e chuviscados."

"teatroso"

"queria explicar mas desconseguia"

"Zuzé continuou exibindo suas despertenças"

"ex-viva"

**DESCOLONIZAÇÃO  
DA PALAVRA**

Onde fica a literatura africana de língua portuguesa dentro do pós-colonialismo? Para Inocência Mata, o autor - em pleno domínio do que diz, ou faz as suas personagens dizerem - psicografa os anseios e demônios de sua época, dando voz àqueles que se colocam, ou são colocados, à margem da 'voz oficial': daí pode pensar-se que o indizível de uma época só encontra lugar na literatura (MATA, 2008, p. 21).



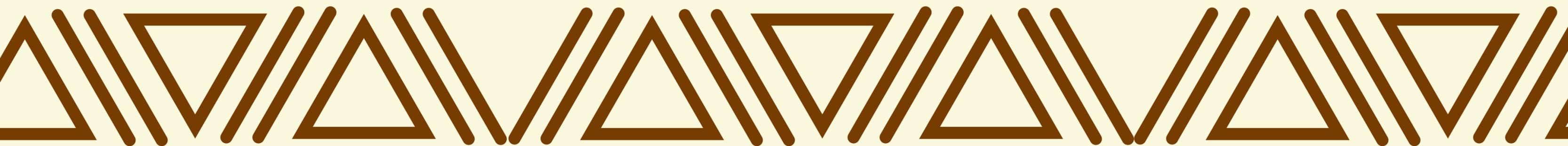
"O que mais dói na miséria é a ignorância que ela tem de si mesma. Confrontados com a ausência de tudo, os homens abstêm-se do sonho, desarmando-se do desejo de serem outros.

Existe no nada essa ilusão de plenitude que faz parar a vida e anoitecer as vozes. "



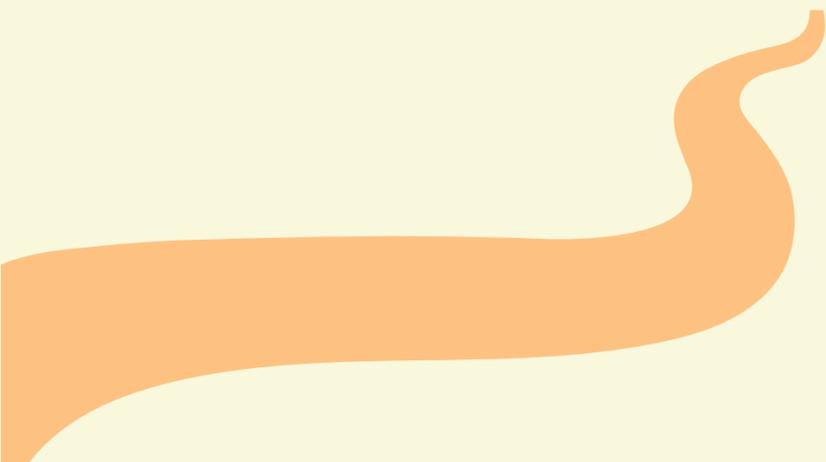


# **1 - A FOGUEIRA**



"A fortuna dela estava espalhada pelo chão: tigelas, cestas, pilão. Em volta era o nada, mesmo o vento estava sozinho."

"o corpo quase que não tinha. O velho chegou mais perto e arrumou a sua magreza na esteira vizinha."



# A vida e a morte

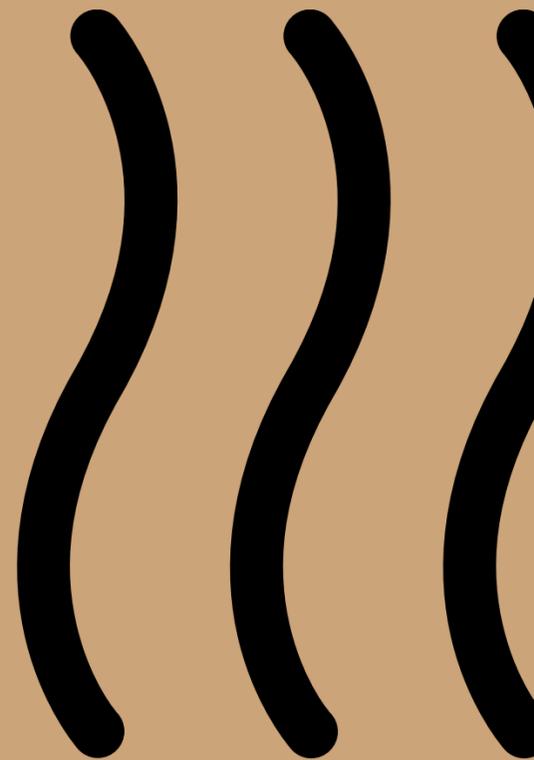
"Neste deserto solitário, a morte é um simples deslizar, um recolher de asas. Não um rasgão violento como nos lugares onde a vida brilha."

*Na perspectiva animista, a morte é um fator integrante da vida, um processo contínuo da existência humana em que a energia vital ainda pode ser experienciada (Rodrigues, 2018)*



# O anonimato e a marginalidade social

Pensou no dia e riu-se dos contrários: ela, cujo nascimento faltara nas datas, tinha já o seu fim marcado.



# O machismo, a hierarquia e a relação colonizador x colonizado

- Estou a medir o seu tamanho. Afinal, você é maior que eu pensava.
- Nada, sou pequena.



# O sonho

Sonhou dali para muito longe: vieram os filhos, os mortos e os vivos, a machamba encheu-se de produtos (...) o velho estava no centro, gravatado, contando as histórias, mentira quase todas. Estavam ali os todos, os filhos e os netos. Estava ali a vida a continuar-se, grávida de promessas. Naquela roda feliz, todos acreditavam na verdade dos velhos (...) nenhuma mãe abria a sua carne para a morte. Os ruídos da manhã foram-na chamando para fora de si, ela negando abandonar aquele sonho. Pediu à noite que ficasse para demorar o sonho, pediu com tanta devoção como pedira vida que não lhe roubasse os filhos.





**2 - O ÚLTIMO AVISO  
DO CORVO FALADOR**



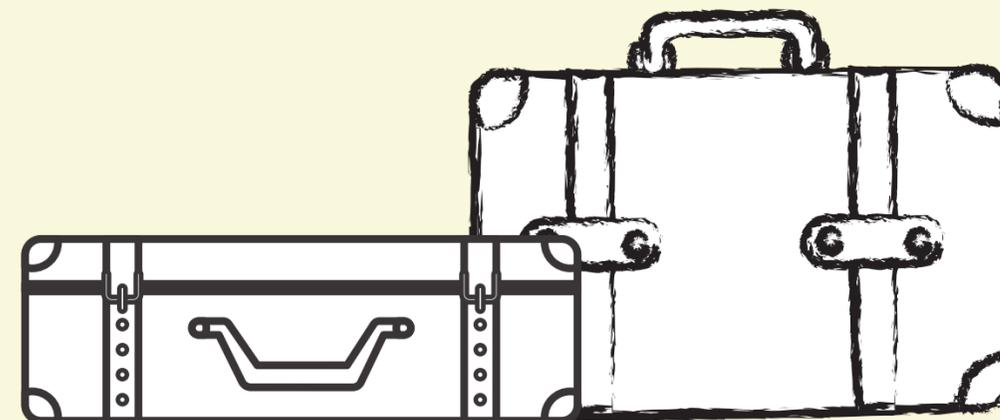
## Características físicas e posição social

"Depois, tossiu sacudindo a magreza do seu todo corpo."

"A gorda senhora explicou suas aflições: o segundo casamento decorria sem demais."



Uma semana depois, chegou uma mala cheiinha. Calças, camisas, cuecas, gravatas, tudo. Uma fortuna. Zuzé começou de experimentar o fato castanho. Estava largo, medida era de um comerciante, homem de esperar sentado, comer bem. Enquanto ele, um pintor, puxava tamanho menor. Era tão magro que nem pulgas nem piolhos lhe escolhiam.



## O insólito como meio de fuga da realidade



Agora já entendiam os ataques de tosse do pintor. Era um pedaço de céu que estava-lhe dentro. Ou talvez eram as penas a comicharem-lhe a garganta.





## O poder da crença popular

Quando chegaram, encontraram a casa vazia. Zuzé Paraza tinha partido. Procuram no horizonte vestígios do adivinho.

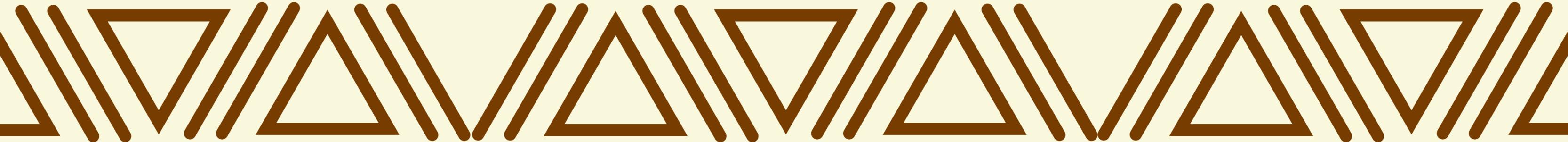
(...)

Aceitando o aviso, os habitantes começaram a abandonar a povoação. Saíram em grupos uns, sozinhos outros, e por muitos dias vaguearam errantes como as penas que o vento desmanchava na distância.

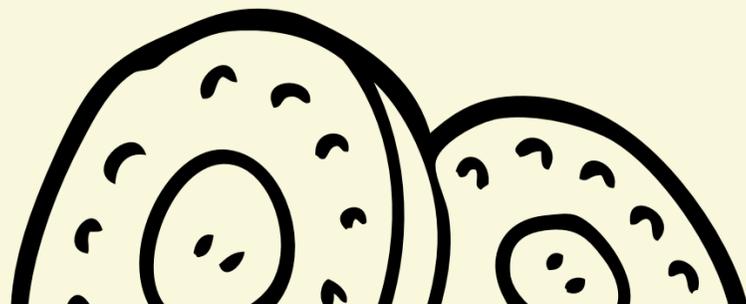


**3 - 0 DIA EM QUE EXPLODIU**

**MABATA - BATA**



De repente, o boi explodiu. Rebentou sem um múúú.  
No capim em volta choveram pedaços e fatias, grão  
e folhas de boi. A carne eram já borboletas  
vermelhas. Os ossos eram moedas espalhadas. Os  
chifres ficaram num qualquer ramo, balouçando a  
imitar a vida, no invisível do vento.  
O espanto não cabia em Azarias, o pequeno pastor.

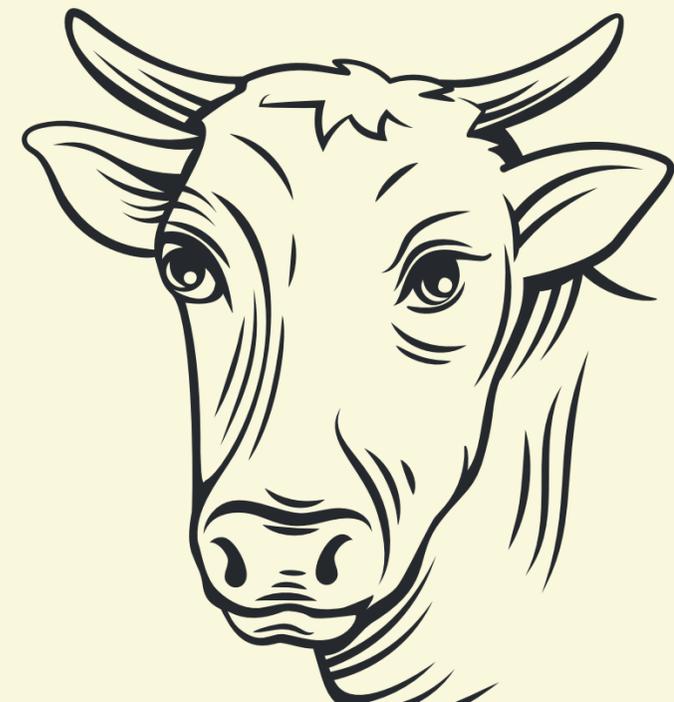




**“Deve ser foi um relâmpago”,  
pensou.**

"ele, com os seus calções rotos, um saco velho a tiracolo, que saudade deixava? Maus tratos, atrás dos bois. Os filhos dos outros tinham direito da escola. Ele não, não era filho. O serviço arrancava-o cedo da cama e devolvia-o ao sono quando dentro dele já não havia resto de infância. Brincar era só com os animais: nadar o rio na boleia do rabo do Mabata-bata, apostar nas brigas dos mais fortes. Em casa, o tio adivinhava-lhe o futuro:

- Este, da maneira que vive misturado com a criação há-de casar com uma vaca. E todos se riam, sem quererem saber da sua alma pequenina, dos seus sonhos maltratados.



"O pequeno pastor saiu da sombra e correu o areal onde o rio dava passagem. De súbito, deflagrou um clarão, parecia o meio-dia da noite. O pequeno pastor engoliu aquele todo vermelho. era o grito do fogo estourando. Nas migalhas da noite viu descer o ndlati, a ave do relâmpago.



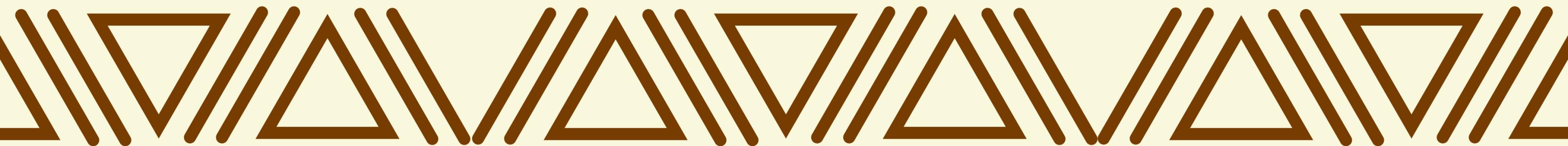
E antes que a ave do fogo se decidisse Azarias correu e abraçou-a na viagem da sua chama."

# CONSIDERAÇÕES

O uso do fantástico, da imaginação e do absurdo é muito presente nas obras de Mia Couto como uma válvula de escape da realidade perversa que os personagens vivem, retratando com isso, as estratégias de sobrevivência do povo moçambicano no período pós-guerra, que precisou lutar para manter suas vidas, suas crenças e suas tradições vivas. Nesse sentido, o final, quando Azarias sobe nas asas do pássaro, é possível interpretar que a crença do povo moçambicano venceu a soberania imposta pelos europeus, o poder da imaginação da criança venceu a crueldade real do adulto, dessa forma, Azarias finalmente recebeu a liberdade e a independência que sonhava. O Animismo africano venceu o realismo europeu.



# **4 - OS PÁSSAROS DE DEUS**



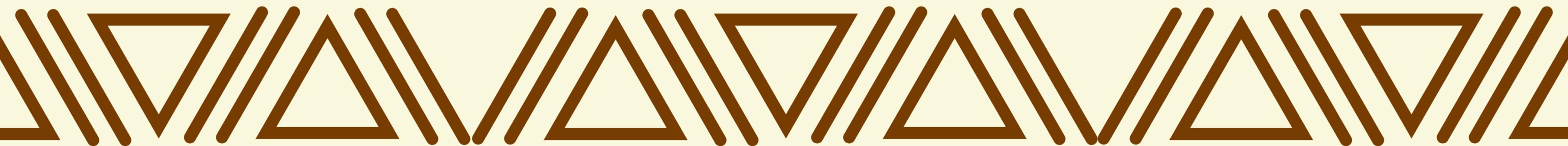
Pronunciou alto aquelas palavras. Mal se calou, o pássaro sacudiu as enormes asas e, bruscamente, desvoou, desvoou, em direcção à canoa. Tombou, parecia despedido da vida. Timba recolheu aquele destroço e, segurando-o nas mãos, viu que o sangue ainda não desabotoara aquele corpo. No barco, o animal foi recuperando. Até que direito e subiu à proa a olhar a sua sobrevivência. Timba pegou nele, pesou-lhe a carne para lhe adivinhar o caril. Afastou a ideia e, com um empurrão, ajudou a ave a retomar o voo.

Timba recuou aterrado. Gritou pela mulher, pelos filhos e depois, descobrindo que não havia por quem mais gritar, chorou lágrimas de raiva, tantas que lhe magoaram os olhos. Porque? Porquê magoaram os pássaros, tão bonitos que eram? E, ali, entre cinza e fumo, explicou-se a Deus: - Vais zangar, eu sei. Vais castigar os teus filhos. Mas olha: estou pedir desculpa. Faz morrer a mim sozinho, eu. Deixa os outros no sofrimento que já estão sofrer. Mesmo podes esquecer a chuva, podes deixar a poeira encostada no chão, mas faz favor, não castigues os homens desta terra. No dia seguinte, encontraram Ernesto, abraçado à corrente do rio

artificialismo na linguagem  
homem comum da cultura africana  
literatura destoa do realismo guerrilheiro  
linguagem funda cosmogonia = independencia de  
moçambique  
personagens fundam uma história particular  
moçambique / portugal



**5 - DE COMO SE VAZOU A  
VIDA DE ASCOLINO DO  
PERPÉTUO SOCORRO**



Vivenda da Santíssima Palha era o nome na tabuleta, à margem da estrada. Um atalho de areia levava à quinta, lugar esquecido do suor e das canseiras. No centro, meio coberta pelas mangueiras, a casa colonial media-se com o tempo. Ali, na sombra das tardes, se varandeava Ascolino Fernandes do Perpétuo Socorro. Herdeiro da propriedade, ruminava lembranças sem pressa nem obrigações. Recordava Goa, sua terra natal. Caneco se negava: - Indo-português sou, católico de fé e costume.

Naquela tarde se repetia a paisagem com os homens dentro. Vasco escolhia os capins para segurar as rodas no caminho. De súbito, a bicicleta resvala e os dois, patrão e criado, caem na valeta. Ascolino fica imóvel, deitado na lama. Vasco arruma os desperdícios, endireita o volante, alisa o chapéu do patrão. A custo, Ascolino se recompõe. Avalia os estragos e dispõe-se a ralhar:

Qui têm, homem? Essetragô sapéu de nosso. Não obstante, quem qui vai pagar?

Desculpa, patrão. Foi desviar bacecola. De vido desse matope que passámos.

Vucê não viu, p? Já disse toda hora: não faça travage deripente.

transcrição da linguagem oral

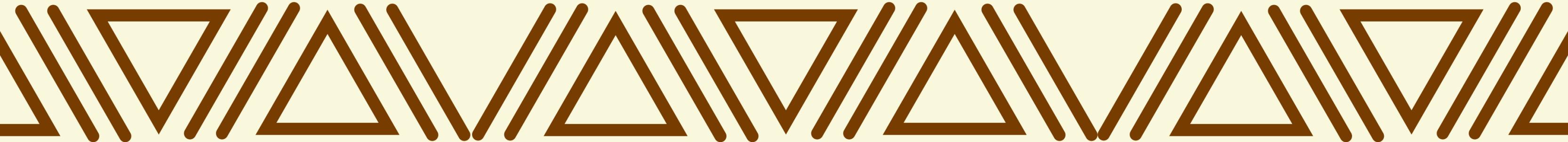
interferência da linguagem escrita

diálogo com João Guimarães Rosa (primeiras histórias)

aculturação = dominação política, territorial e militar



**6 - AFINAL, CARLOTA  
GENTINA NÃO CHEGOU DE  
VOAR?**



Olhei no corredor e vi sangue, um rio dele. Era sangue órfão. Sem o pai que era o meu braço cortado. Sangue detido como o dono. Condenado. Não lembro como cortei. Tenho memória escura, por causa dessas tantas noites que bebi. E sabe, nesse tal sonho, quem salvou o meu sangue espalhado? Foi ela. Apanhou o sangue com as suas mãos antigas. Limpou aquele sangue, tirou a poeira, carinhosa. Juntou os pedaços e ensinou-lhes o caminho para regressar ao meu corpo. Depois ela me chamou com esse nome que eu tenho e que já esqueci, porque ninguém me chama. Sou um número, em mim uso algarismos e não letras.

Olhei no corredor e vi sangue, um rio dele. Era sangue órfão. Sem o pai que era o meu braço cortado. Sangue detido como o dono. Condenado. Não lembro como cortei. Tenho memória escura, por causa dessas tantas noites que bebi. E sabe, nesse tal sonho, quem salvou o meu sangue espalhado? Foi ela. Apanhou o sangue com as suas mãos antigas. Limpou aquele sangue, tirou a poeira, carinhosa. Juntou os pedaços e ensinou-lhes o caminho para regressar ao meu corpo. Depois ela me chamou com esse nome que eu tenho e que já esqueci, porque ninguém me chama. Sou um número, em mim uso algarismos e não letras.

**MIA COUTO**

**Venenos  
de Deus,  
remédios  
do Diabo**



  
COMPANHIA DAS LETRAS